



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 100

Cartões postais do fim do mundo

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. No episódio de hoje, a gente vai atravessar uma selva. E eu sei que às vezes chego aqui falando em alegorias e metáforas, mas essa é uma selva *de verdade*. A selva do Darién – que fica entre a Colômbia e o Panamá. Quem guia a gente nessa viagem é a nossa repórter Carol Pires.

ATO 1: A selva da morte

Carol Pires: A ideia de entrar no Darién foi minha... mas não fui eu quem atravessou a selva da morte. No final de abril desse ano, eu estava numa fila no aeroporto do Panamá junto com uma das pessoas que eu convenci a fazer isso. O artista plástico Fabrício Brambatti. A gente estava na fila do raio-x e foi chamado para revista. Eu estava arrumadinha, de calça social, cardigan e com uma bolsa discreta. E ele meio... maltrapilho. Crocs falsificados nos pés, um short sujo e uma camisa branca escrita “Panamá” que eu tinha comprado para ele numa loja de souvenir. A mala dele estava bem suja e cheirando mal. Mas o que puxou a gente para aquela revista foi uma faca que estava no meio da mala dele. Eu fiquei ansiosa e fui explicando para o policial que o Fabrício tinha acabado de voltar de uma trilha, que aquela era uma mochila de acampamento.... E ele só começou a acreditar na

história quando um grilo gigante morto caiu no chão no meio da revista. Ficamos nós quatro ali. O segurança, o Fabrício, o grilo e eu. Eu só conseguia pensar em como aquela cena toda era surreal. Eu estava ali porque eu tinha combinado de esperar o grupo do outro lado da fronteira, já que a ideia, de enfiar eles naquele inferno, tinha sido minha.

Fabrício Brambatti: O Tommaso pegou e falou: "Apareceu uma oportunidade aí, cara, acho que vai ser muito incrível e tudo, o Darién"...

Carol Pires: Quem me apresentou pro Fabrício foi Tommaso Protti, um fotógrafo.

Fabrício Brambatti: ... "Não sei o que", falou do Darién, Darién, eu tipo assim "x", sabe? Não entendendo nada mesmo. E a gente tinha ido num samba, um final de semana, fim de tarde, e eu: "mas como assim?", e ele falou: "é um lugar e tal pra gente ir, que tem os imigrantes". E ele tentando explicar no meio de um samba, e eu falei: "não, tá bom"...

Carol Pires: Eu não sabia que o Tommaso tinha feito o convite pro Fabrício assim, no meio de um samba. Mas deixa eu explicar como foi que eu acabei enfiando eles e mais outras pessoas nisso. Eu vou te contar essa história como *eu* vivi ela. De longe. Que, eu confesso, é um lugar um pouco esquisito pra mim.

Como jornalista, eu estou acostumada a fazer a reportagem. A ver *as coisas com os meus próprios olhos*. Mas dessa vez, nessa reportagem especial, eu fiquei encarregada de coordenar à distância a equipe que ia gravar tudo em primeira mão. A ideia de fazer uma reportagem sobre o Darién surgiu no começo desse ano, de 2024. Eu estava conversando com um amigo meu que é repórter... Um baita repórter, aliás: o Jon Lee Anderson, que escreve para a revista *The New Yorker* e tem quase 50 anos de jornalismo nas costas.

O Jon estava com a ideia de criar um projeto chamado *Boom*, um veículo para cobrir a América Latina de um jeito novo. Ele queria fazer grandes reportagens que ele apelidou de expedições - porque elas iam ser feitas por grupos, e não por só um jornalista. E a gente ficou pensando ali que um dos assuntos mais importantes desta década na América Latina é a imigração. E, para esquentar ainda mais a pauta, 2024 é o ano de eleição presidencial nos Estados Unidos – que é o grande destino

dos imigrantes latinos. Então, a ideia era fazer a primeira grande reportagem – a primeira expedição – pro Darién.

E por que o Darién? Tenta visualizar o mapa da América Latina. Lá em cima, no hemisfério Norte, tem o México. E aí os países que vêm descendo até o hemisfério Sul vão ficando cada vez mais estreitos. O Panamá parece uma pontezinha que chega na Colômbia, ligando o corredor que vem da América do Norte até a América do Sul. E é ali, entre o Panamá e a Colômbia, que tá o Darién – um lugar sobre o qual eu sabia muito pouco.

Carol Pires: Como você explica hoje em dia pros seus amigos, que também nunca tinha ouvido falar, e você conta que foi parar lá?

Fabrizio Brambatti: É, então, como os brasileiros não conhecem muito o Darién... Agora, eu conto de um jeito bem prático assim, que é um pedaço da trajetória dos imigrantes até os Estados Unidos, que fica entre a Colômbia e o Panamá, que é um pedaço intransitável. Basicamente você tem que fazer ele a pé, numa selva extremamente perigosa. E aí eu fico tentando de alguma forma mostrar o quão ruim é esse lugar, o quão perigoso é, o quão horrível é esse lugar. Mas é muito difícil explicar.

Carol Pires: No começo de tudo isso, o meu conhecimento também não ia muito além disso, mas eu precisava saber muito mais do que isso pra organizar a expedição pra lá. Então eu fiz o que qualquer repórter que se preze faria: eu fui ler, fui ver e fui ouvir tudo o que eu pudesse encontrar sobre o assunto. Em geral, eu tento começar de trás pra frente — o que de mais antigo eu consigo encontrar até as notícias mais recentes. Eu achei a primeira vez em que o *Darien Gap* foi citado pelo *New York Times*: saiu uma nota em agosto de 1957 dizendo que o Darién estava sendo, entre aspas, "um dos problemas de engenharia mais difíceis da rota Panamericana", fecha aspas. A rota Panamericana é uma estrada de 30 mil quilômetros que os Estados Unidos estavam planejando construir para ir do Alasca até a Argentina.

Cena de *Daring The Darien [1961]*: Here the Pan-American highway ends and here begins the Darien Gap...

Carol Pires: O Darién só deu as caras no New York Times de novo quatro anos depois, em 1961, numa reportagem que dizia que equipamentos de construção do Exército dos Estados Unidos tinham sido enviados para o Panamá para tentar abrir a estrada¹.

Cena de *Daring The Darien* [1961]: It is called impassable because it is filled with rugged hills, valleys and mountains...

Carol Pires: Essa narração é dos filmes que eu achei sobre uma expedição feita nos anos 60. Dois grupos tentaram cruzar o Darién de carro pra provar que dava pra abrir uma estrada ali e filmaram. Um dos grupos conseguiu atravessar do Panamá até a Colômbia num jipe. Levou 101 dias. Isso com o apoio das forças armadas da Grã-Bretanha, da Colômbia, do Panamá e dos Estados Unidos².

Cena de *The Darien Conquest* [1971]: We were immensely tired. Some of us have lost two of his toes. Our bodies were a mass of bites, and our feet rotting with jungle foot.

Carol Pires: Em 1973, 16 anos depois daquela primeira notinha, o *New York Times* publicou o óbvio: que não ia ter estrada nenhuma cortando o Darién. Só que hoje... tem. Uma estrada que não foi aberta por maquinários do Exército americano. Nem por carros desenhados para enfrentar terrenos hostis. Mas sim pelos pés de imigrantes desesperados, que enfrentam a selva, sequestros, roubos, estupros e a fome tentando chegar aos Estados Unidos por terra.

Foi vendo um documentário da CNN sobre essa rota feito em 2023 que eu me convenci de que, pra falar de imigração na América Latina, a gente ia ter que falar do Darién. Uma cena me pegou. De uma mulher venezuelana chamada Natalia. Ela está segurando a filha dela, a Anna, uma criança de 12 anos que tem epilepsia e alguma deficiência que o repórter não diz qual é.

1

<https://www.nytimes.com/1961/05/14/archives/uspanama-plan-spurs-link-for-interamerican-highway-35-young.html?searchResultPosition=2>

2

<https://americasquarterly.org/article/the-darien-gaps-fearsome-reputation-has-been-centuries-in-the-making/>

Cena de *The Trek: A Migrant Tale to America* [2023], da CNN: [...]
disabled, and gets epileptic convulsions....

Carol Pires: A Natalia contou que achou que a travessia do Darién ia ser uma caminhada de duas horas. Mas leva dias. Uns 5 dias se você é um jovem caminhando sozinho - mas que pode virar 8 dias, 10 dias ou até mais se você vai com crianças ou idosos. E, claro, tem quem nunca chegue do outro lado. Duas coisas me chamaram atenção nesse documentário. A primeira foi a criança. Eu tenho uma filha de 5 anos que tem autismo. E eu fiquei pensando o quão desesperada eu teria que estar pra levar ela pra um lugar desses. Eu chorei muito imaginando ela ali, no lugar da Anna.

A segunda coisa foi isso que a Natalia falou, de que ela achava que a travessia ia durar só duas horas. Muitas pessoas vão pro Darién sem saber o que elas vão encontrar. Elas são atraídas para lá. Por promessas de uma vida melhor, e por gente que lucra com a travessia. Tem muita gente ganhando dinheiro com o Darién. Explorando a esperança e o desespero dos migrantes. Só no ano passado, *meio milhão* de pessoas cruzaram essa região. 130 mil eram crianças. E a gente, eu e o Jon, a gente queria fazer um filme e um podcast contando essa história. Não é que ninguém nunca tivesse feito isso. Mas todos os registros que eu vi tinham um distanciamento jornalístico em que eu sentia que faltava entender a dimensão do problema. Tinha sempre um repórter conduzindo a história, algumas falas genéricas de migrantes...

Mas eu queria que as pessoas conseguissem se *colocar* no lugar de quem está ali... que elas sentissem, mesmo que só por alguns minutos, que eram elas dentro daquela selva. O Jon concordou comigo e aí a gente começou a pensar na equipe para expedição. Na verdade eu fiquei responsável por encontrar as pessoas. E eu passei um tempão pensando quem poderia ir para lá captar não só informação e dados factuais, mas *a sensação* de estar lá. A primeira pessoa que eu escolhi foi o Tommaso Protti – esse que estava empolgado tentando convencer o Fabrício de embarcar com a gente na missão no meio do samba. O Tommaso é fotojornalista. E esse nome italiano é porque ele é, realmente, italiano. Mas ele vive no Brasil há um tempão e trabalha muito na Amazônia.

A segunda pessoa, eu escolhi vendo aquele documentário da CNN que eu mencionei agora há pouco. Quando eu terminei de ver o documentário, eu fui olhar os créditos – e, numa lista de 15 pessoas só tinha *uma* mulher – chamada Natalie Gallón, uma jornalista americana de família colombiana. Na nossa primeira ligação, a Natalie me contou que aquela mãe venezuelana que me deixou emocionada levou a filha pro Darién porque ela já não estava conseguindo encontrar o remédio dela na Venezuela. Pensa que são essas pessoas que o ex-presidente Donald Trump chama de animais, e acusa de estarem indo pros Estados Unidos cometer crimes só pra ganhar votos explorando o medo e a ignorância das pessoas. No caso da mãe venezuelana, também contou na decisão dela de ir pro Darién a informação falsa de que aquela travessia seria curta, fácil e barata. Tudo mentira. A Natalie me contou que essa tinha sido a reportagem mais exaustiva que ela já tinha feito. Que ela perdeu muitos quilos e voltou pra casa horrorizada. E aí, depois de ela contar tudo isso, eu falei: você toparia voltar pro Darién? E ela topou.

Natalie Gallón: A ver... Hoy es lunes, 22 de abril, sigue lloviendo.

Carol Pires: A Natalie ia cuidar de documentar o trajeto em áudio, contando como é atravessar o Darién sendo uma mulher. Ela também me apresentou um ex-soldado britânico chamado Adam Creighton, que hoje trabalha como paramédico acompanhando equipes de gravação em locais de risco. O Adam topou ir sendo segurança e médico ao mesmo tempo. Pra fechar a equipe, eu queria alguém que não fosse jornalista. E é aí que entra o Fabrício Brambatti, o do grilo gigante. Que é, lembrando, um artista plástico brasileiro – e o mais desavisado do grupo.

Fabrício Brambatti: Eu me chamo Fabricio, mas as pessoas me conhecem como Urso Morto, que é um apelido antigo, assim, por conta de um trabalho que eu fazia que era um desenho de um urso morto e tal.

Carol Pires: O Fabrício grafitava pelos muros de São Paulo um urso branco, de traços fofinhos, todo ensanguentado - uns mortos por flechas, outros crucificados. Antes do Tommaso fazer aquele convite pra ele no samba, o Fabrício nunca nem tinha ouvido falar do Darién. E era exatamente isso que eu queria. Alguém com um olhar fresco, que fosse deixar a câmera ser conduzida pela própria atenção. E aí, quando eu conheci melhor o Fabrício, ele me contou a história de como ele virou

artista plástico. O que só reforçou minha convicção de que não podia ter sido alguém melhor que ele a ir nessa aventura. É uma história meio engraçada, meio bizarra, nada a ver com o assunto *bem sério* que a gente está falando aqui, mas eu queria te contar. Porque as coisas se conectaram pra mim depois que ele voltou do Darién. O Fabrício veio de uma família de classe média de São Paulo. O avô dele foi operário, os pais dele não fizeram o ensino médio, e ele, por um tempo, foi publicitário. Que já era uma profissão bem distante da realidade da família.

Fabrício Brambatti: Mas não é isso que eu quero fazer. Eu quero ser artista plástico, quero trabalhar com as ideias que eu acredito e não com as ideias dos clientes e das marcas e tal. E aí eu abandonei o trabalho, o que já foi um grande choque para a minha família, né, tipo: "Como assim? Você saiu do emprego" daquela coisa da carteira assinada, e tal...

Carol Pires: O Fabrício então bolou uma ideia para convencer os pais de que eles tinham que apoiar a vontade dele de ser artista plástico. Era um experimento.

Fabrício Brambatti: E aí eu comecei a pintar uma série que chamava: "Pensando na morte dos meus pais". E aí eu comecei a pintar um retrato deles mortos mesmo, né, que era um exercício meu assim, que não era uma coisa assim: "Ah, não, um dia eu quero fazer uma exposição com isso"...

Carol Pires: Parece uma ameaça de morte. [risos]

Fabrício Brambatti: Então, mas não era muito bem isso, porque era uma coisa meio, da experimentação da arte mesmo, sabe? Tipo, "e se eu pintar isso, como seria?" E aí eram dois retratos deles super realistas, assim, deles dentro de um caixão em tamanho real, assim, como se o caixão estivesse apoiado numa parede e os dois, né.

Carol Pires: Em tamanho real?

Fabrício Brambatti: Em tamanho real. Então eles estão assim, é uma tela super grande, assim...

Carol Pires: Separadas?

Fabrizio Brambatti: Separadas. Tinha um para cada, como se fosse em lugares diferentes, ambientes diferentes, cores diferentes e tal. Então a minha mãe estava numa posição ali no caixão, o caixão tinha umas flores... eu já quis elaborar de um jeito e do meu pai de outro jeito, por exemplo, né.

Carol Pires: Quando a mãe dele viu o resultado, ela disse que ficou pensando que se ela morresse naquela hora, tinha muita coisa que ela queria ter feito e ainda não tinha conseguido.

Fabrizio Brambatti: Ela ficou nesse pensamento, e tal, e o meu pai já não, assim. Meu pai olhou assim ele - e o meu pai, ele vivia pelado em casa. E aí eu pinteí ele assim. E o meu pai especificamente ficou muito parecido. Ficou extremamente parecido. E aí quando ele viu, assim, ficou um tempo sem falar e aí eu falei: "e aí, o que achou?". Aí ele: "é, acho que você não presta muito pra isso, não ficou parecido, não". O único comentário do meu pai sobre isso foi esse, falando que ele não estava parecido. A minha avó, por exemplo, na casa dela, nunca mais voltou nesse cômodo da casa, até hoje não entra lá. E ela nem chegou a ver, era só dela pensar neles mortos lá e tal.

Carol Pires: O Fabrizio pensava, e pensa, muito sobre a morte. E eu sabia que morte era uma coisa que ele, o Tommaso, a Natalie e o Adam iam ver muito pelo caminho. E o papel do Fabrizio ali era captar imagens pra gente fazer um curta-metragem. O foco iam ser as crianças, que já são 20% dos imigrantes que passam pelo Darién. Então, equipe completa... era hora de *começar a expedição*.

Todos eles chegaram em Bogotá, a capital colombiana, no dia 10 de abril de 2024. De lá, eles pegaram outro voo para uma cidade mais ao norte, e, de lá, fizeram um trecho de carro, outro de barco e mais um de carro até chegar ao primeiro acampamento – chamado Las Tecas. É ali a porta de entrada do Darién. Todo o negócio da imigração ilegal dessa região é comandada pelo Clan del Golfo, uma das maiores facções da Colômbia. A gente tinha um contato que negociou com eles a presença da equipe lá. Não tem como entrar sem isso. A condição era que só os imigrantes iam ser filmados. A gente estimou que a travessia ia levar uns 6 dias, se tudo desse certo. Então, nas malas, além de todo o equipamento de reportagem, tinha comida militar e barras calóricas suficientes para esse período. Todo mundo

estava com bota feita pra selva, com equipamentos de acampar bem leves, com dois filtros de água super modernos e eletrólitos para manter a hidratação do corpo. E tinha o Adam lá, com um super kit de primeiros socorros e todo tipo de medicamento que dava pra imaginar.

A gente também alugou um aparelho que dava pra mandar um pin de localização sempre que eles encontrassem uma clareira e que o céu estivesse limpo. O seguro de vida de todo mundo estava pago. O combinado era que, se eles ficassem 48 horas sem dar notícias, eu ia acionar o plano de resgate. E que eu e o Jon íamos esperar eles no fim da travessia, no Panamá.

Natalie Gallón: Son como las cinco de la mañana. Ahorita están todos los migrantes esperando detrás de un retén...

Carol Pires: Essa é a Natalie, que ficou fazendo um diário em áudio ao longo da viagem. Foi através das gravações dela e das imagens do Fabrício e do Tommaso que eu consegui reconstruir um pouco do que eles passaram ali. Eles finalmente entraram no Darién - debaixo de chuva - no dia 23 de abril com um grupo de 825 imigrantes, que tinham pagado 350 dólares cada um para seguir pela rota.

Homem do cartel [que comanda a travessia]: Buenos días.

Imigrantes: Buenos días!

Homem do cartel [que comanda a travessia]: Buenos días, señores!

Imigrantes: Buenos días!!!

Homem do cartel [que comanda a travessia]: ¿Cómo amanecieron?

Imigrantes: Bien!!

Homem do cartel [que comanda a travessia]: La historia, primero que todo, hay que darle las gracias a Dios. Es Él que nos tiene de pie....

Carol Pires: O governo panamenho fala em lucros de até 820 milhões de dólares por todo o crime organizado que domina essa rota.

Criança: Mamá...

Homem imigrante: Ah, sí!

Carol Pires: Os imigrantes pagam aqueles 350 dólares para cobrir a ajuda dos guias que vão andar junto com eles na selva por dois dias. E muita gente vai para lá achando que nesses dois dias vai dar pra atravessar o Darién todo. Mas dois dias é o tempo que leva do acampamento de Las Tecas até a fronteira da Colômbia com o Panamá - justamente onde o caminho é mais fácil. Quando chega na fronteira, os guias dão tchau, dizem — *QUE DIOS TE BENDIGA* [Que Deus te abençoe, em português] — e os imigrantes ficam à própria sorte. Do outro lado da fronteira, têm grupos criminosos especializados em sequestrar e roubar imigrantes. E muita gente, quando chega no Panamá, já tá exausto, sem água, sem comida, sem dinheiro...

Mulher imigrante: ¿Y cómo hace uno? ¿Si no tengo plata? Ya no tengo dinero más. Ni pa tomarme un jugo. Sigo pensando eso, que no tengo plata para pagar esos allá en Panamá.

Pessoas conversando: "María! María, tiene que esperarme!".

Carol Pires: O que guia o caminho daí em diante são as margens do rio. Só que as margens, às vezes, se transformam em desfiladeiros. Tem horas que para continuar, os imigrantes precisam cruzar para a outra margem enfrentando a correnteza. Caminhar sem escorregar vai ficando cada vez mais difícil. Como cada um anda num ritmo diferente, as centenas de imigrantes que saíram juntos começam a se dispersar. E as famílias com crianças - e até cachorros de estimação - começam a ficar para trás. Depois que o sol começa a se pôr, não tem mais como seguir em frente. A nossa equipe tinha equipamentos especiais para acampar, mas os migrantes estavam levando lonas improvisadas e umas barracas baratas.

Para piorar o que já estava ruim, estava chovendo muito. Parecia que não tinha mais nada completamente seco naquele lugar. A umidade não é só um incômodo. É um risco também. Não sei se você já ouviu falar em "pé de trincheira". Tem esse

nome porque foi diagnosticado em soldados na guerra. Se você não tira os sapatos molhados por pelo menos algumas horas do dia, a sua pele fica tomada por fungos e bactérias. A cura é relativamente simples: passar talco e esperar uns dias. Só que sem tratar, essa condição dói muito e pode se agravar. Ela pode levar à amputação ou até mesmo à morte.

E não poder caminhar no Darién também pode ser fatal. A sua comida acaba, a sua água acaba, você fica desidratado... Tomar água do rio também não é boa ideia, já que os rios agora estão contaminados pelo lixo deixado pelos imigrantes. A nossa equipe tinha levado bastante talco para pôr nos pés à noite e recuperar a pele. Além disso, eles estavam com uma bota feita para terrenos úmidos. Mas os imigrantes não tinham nada disso. Muitos dormiam de ténis, com medo de ter que correr no meio da noite.

Logo nos primeiros dias, o pessoal da equipe começou a sair do lugar de observador. Não tinha como fingir que eles não estavam dentro da história, que eles não faziam parte dela. Então eles começaram a dividir o talco com quem eles encontravam e alertaram todo mundo que precisava tirar os sapatos à noite. Eles também conversaram e decidiram limitar a *própria* alimentação. Eles comiam só uma vez por dia. O resto, eles passaram a distribuir pros imigrantes.

Enquanto isso, no Panamá, eu e o Jon passávamos os dias esperando algum sinal de vida deles. Porque depois que eles cruzaram a fronteira e entraram na parte mais desafiadora do Darién, os sinais pararam de chegar. Nenhum pin de localização chegava. O aparelho que a gente alugou também deixava eles enviarem recados curtos. Mas *nada*. O dia 25 de abril começou, terminou, e *nada*. Eu pensei nas piores coisas. Eu visualizei na minha cabeça os cenários mais trágicos. Pensei no meu amigo Dom Philips, morto no Vale do Javari. Eu pensei no que eu diria às famílias da equipe. Eu pensei em como eu conseguiria viver se tivesse acontecido algo irremediável com alguém ali.

E aí, 46 horas depois do último contato, finalmente chegou um recado: "Mau tempo ontem. Continuando agora."

Mulher imigrante: Si no nos vamos, nos morimos de hambre y de frío. Hay que seguir. Confiando en Dios. Que todo salga bien.

Outra mulher imigrante: Dios es grande y es grande y nos va dar fortaleza a todos, principalmente por el niño que ya se le acabó el agüita, ya se acabó la comida. Eso me tiene preocupado.

Carol Pires: Muita gente vai largando o peso das coisas que tinha trazido, para trás. Abandonam barracas. Roupas. Documentos. Álbuns de família. O que era uma selva intocada hoje tá cheia de lixo. Nessa altura, nas gravações da Natalie, o choro das crianças vai ficando cada vez mais constante. [Barulho de choro] Vira quase um ruído de fundo, misturado com o rio correndo, e as lamúrias de quem não aguenta mais aquele inferno. O Fabrício dizia que os pássaros já não cantavam, e sim gritavam. No quinto dia de expedição, a nossa equipe cruzou com uma mulher que tinha entrado no Darién no mesmo dia que eles.

Tommaso Protti: Hace cuánto tiempo estás acá?

María Fernanda Vidales: Aquí en la selva tengo 5 días.

Tommaso Protti: 5 días. Y parada acá?

María Fernanda Vidales: Aquí, 2 días.

Carol Pires: Essa voz é do Tommaso. A María contou que ela já estava parada ali há dois dias.

Tommaso Protti: ¿Estás aqui sola, o con...?

María Fernanda Vidales: Con dos hijos.

Tommaso Protti: ¿Qué pasó?

María Fernanda Vidales: Me solté del 'rescate', la cuerda, caí mal y se me partí la pierna, no puedo caminar.

Tommaso Protti: ¿Cuántos años tienen tus filhos?

María Fernanda Vidales: 13 y 4 años.

Carol Pires: A María Fernanda Vidales tinha vindo da Venezuela com uma prima e os dois filhos. Uma menina de 13 anos e um menino de 4. Já no segundo dia de travessia, ela estava dormindo na margem de um rio quando o nível da água subiu de repente, no meio da madrugada, e carregou as mochilas dela.

María Fernanda Vidales: Estábamos durmiendo ya, la una y media.

Natalie Gallón: Fue la hora que...

María Fernanda Vidales: Se levantó. Entonces todo el mundo salió corriendo por sus cosas.

Carol Pires: Ela e a prima seguiram com as crianças, já sem comida, nem água. Aí, cansada, a María escorregou numa montanha e ouviu o barulho de alguma coisa quebrando. Como se fosse um lápis se partindo ao meio.

María Fernanda Vidales: Solo un "ki", como si se fuera partiendo un lápiz. Esa fue lo que sentí. Desesperación, miedo.

Carol Pires: A María não conseguiu mais caminhar. Elas esperaram um pouco, talvez a dor passasse. Mas ela só piorava. A prima decidiu que ia continuar, para procurar ajuda, mas os filhos da María não quiseram deixar ela pra trás... talvez porque eles já tivessem entendido que isso seria um caminho sem volta.

Fabrizio Brambatti: No caminho, a gente cruzou inclusive com a ossada de uma mulher que tinha quebrado o pé. E além disso, a gente já tinha visto um outro corpo dentro de uma barraca... também sozinho dentro da barraca. Não é só os corpos que a gente viu, tem várias outras histórias que a gente ouviu de pessoas que tinham fraturado o pé, se machucado, tido alguma complicação, ficado lá esperando ajuda e a ajuda nunca veio. As pessoas falavam isso, a gente escutava muito isso, que no Darién não resgatavam nem vivos, nem mortos.

Carol Pires: Quando o Fabrício e o resto da equipe passaram pela María, eles ficaram sem saber o que fazer. A saída do Darién estava a 12 horas dali. Mas estava todo mundo muito cansado pra carregar a María. Carregar o próprio corpo já estava difícil. O Fabrício já estava pensando em deixar até nosso equipamento eletrônico para trás.

Fabricio Brambatti: A gente já estava numa situação física muito difícil mesmo, de muita dor física e a gente estava comendo 250 gramas de comida por dia, sabe? Tipo uma vez por dia. Então estava, assim, super... e eu perdi dez quilos. Nessa hora eu já tinha dez quilos a menos, então não tinha nem como eu imaginar fazer isso. Não tinha nem como imaginar carregar ela. Aí a gente caminhou, sei lá, mais uma meia hora pra frente, eu não lembro exatamente, mas eu imagino que um pouco, assim. E paramos num lugar para acampar à noite. Aí, beleza, estávamos lá montando o acampamento, e eu falando com as pessoas...

Carol Pires: Aí apareceram dois guias - que estavam acompanhando a nossa equipe - carregando a María.

Fabricio Brambatti: Carregando ela. Eles voltaram lá e carregaram ela. E o Jay carregou ela nas costas. E ele veio carregando e eu vi eles carregando ele chegaram, assim, exaustos, porque realmente era uma coisa muito difícil. E ela era uma mulher grande, não era uma mulher pequena. Ele veio assim e largou ela, assim e caiu, assim, completamente sem ar e tal. E essa hora eu me emocionei muito, me emocionei demais porque eles foram buscar ela, sabe? Tipo, foi um ato extremamente heroico, assim.

Carol Pires: Eles se juntaram, encontraram uma barraca vazia, deixada por alguém que por ali antes, e colocaram a María lá.

Fabricio Brambatti: Foi a pior noite de todas, e estava todo mundo muito mal, assim. As pessoas não tinham mais barraca, não tinham mais roupa, não tinha comida, não tinha nada. Estavam dormindo tudo sentada na chuva, sabe? Então estava muito feio.

Carol Pires: O Adam, que estava com uma bolsa de primeiros socorros, aplicou uma medicação para dor na veia da María, e fez uma tala decente no tornozelo dela, enquanto as crianças capotaram de sono.

Fabrizio Brambatti: Depois que a gente deu o medicamento, eu falei, tal, com ela. Ela também tinha visto o corpo, ela também tinha visto os ossos, porque eles ficam expostos, tinha visto o corpo em decomposição na barraca, tinha visto as ossadas. Elas estão todas à mostra. Então ela sabia o que significava. A filha dela sabia o que significava, sabe?

Carol Pires: O dia seguinte era o último dia dos guias com a nossa equipe. Dali, eles iam voltar para a Colômbia pela selva, e a Natalie, o Adam, o Tommaso, e o Fabrício iam seguir sozinhos, agora carregando todo o peso. Antes de seguir viagem, eles deixaram comida para a María e para as crianças e umas pastilhas que serviam para limpar a água. O Fabrício deu para ela os últimos 100 dólares que ele tinha no bolso, e explicou para a filha dela, de 13 anos, que ela tinha que pedir ajuda para todo mundo que passasse ali – quem sabe um deles fosse um jovem andando sozinho, com mais energia e força para tirá-la de lá o mais rápido possível.

O fim da trilha pela mata não é o fim do caminho. Num lugar que eles chamam de “piráguas”, quem chega precisa pagar 25 dólares para ser levado até o posto de imigração panamenho. Lá, quem se conheceu pelo caminho se reencontra, se abraça, lamenta as histórias de quem não teve a mesma sorte. De lá, a equipe pegou um táxi para a capital do Panamá. Eu e o Jon estávamos esperando eles na estrada. No dia seguinte, cada um seguiu para a sua casa. Eu e o Fabrício voltamos juntos para São Paulo, no mesmo avião. Quando a gente estava esperando na sala de embarque - depois de passar por aquela revista e jogar o grilo morto no lixo - o Fabrício recebeu um vídeo pelo WhatsApp.

María Fernanda Vidales: Hace cuatro días me rompí la pierna. Han venido a ayudarme a muchas personas. Me han ayudado...

Carol Pires: Alguém tinha gravado a Maria. Nesse vídeo, a María está dentro de uma barraca, com uma camisa cinza bem suja. O cabelo dela tá todo bagunçado, e o filho dela de quatro anos está sentado do lado dela, sem cueca, vestindo uma camiseta de adulto. A situação deles já estava bem pior do que o Fabrício tinha

visto, três dias antes. No dia seguinte, já em casa, o Fabrício recebeu outra mensagem, agora de uma mulher na Venezuela. Ela era irmã da María, e queria saber se ele sabia dizer onde ela estava. O marido da María estava pensando em cruzar o Darién para tentar salvar ela.

Eu pensei que era melhor ligar pro Senafront, o órgão migratório panamenho, e alertar sobre o caso da Maria. O Senafront estava na minha cabeça porque a gente tinha pedido autorização para documentar a travessia dos imigrantes por *meses*. A gente queria ter ido legalmente. Mas essa autorização nunca saiu. Não deve ser do interesse do governo do Panamá mostrar que famílias tão morrendo no território deles. Nem é interesse da Colômbia admitir que um cartel de drogas lucra com a imigração ilegal sem nenhuma resistência das autoridades. Assim como não é do interesse da Venezuela e do Haiti reconhecer que são das suas nacionalidades a maioria dos imigrantes passando pelo Darién. Mas a gente pensou que o Senafront ia ficar numa saia justa se eles não resgatassem uma pessoa que a gente tinha gravado e que a gente estava informando que corria perigo.

Fabrício Brambatti: E aí depois me passou acho que umas três, quatro semanas e ela me mandou uma mensagem.

María Fernanda Vidales [áudio]: ¿Cómo estás? Ya me operaron aquí en Costa Rica...

Fabrício Brambatti: Ela estava na Costa Rica, já. Estava fazendo uma cirurgia para o pé. E aí ela comprou, com 100 dólares que eu dei, ela comprou um celular, roupa, coisas assim, tudo.

María Fernanda Vidales [áudio]: Compré este teléfono, he comprado comida, he estado bien, en lo que cabe porque el dolor no me deja...

Fabrício Brambatti: Aí ela tava querendo voltar para Equador...

María Fernanda Vidales [áudio]: Para retornar a los niños en Ecuador.

Fabrizio Brambatti: Porque, né, já não ia mais conseguir fazer a travessia até o México...

María Fernanda Vidales [áudio]: Porque, de verdad, no me siento capacitada para continuar con ellos... las piernas no me ván.

Carol Pires: Depois a gente soube que não foi o Senafront nem o Exército que salvaram a Maria. Foi um grupo de indígenas que tinham ido com a missão de salvar outra família, e incluíram ela no resgate. Essa e outras histórias do Darién não ficaram ali. O Fabrício continuou mantendo contato com vários imigrantes, além da María. Depois do Panamá, eles ainda iam ter que cruzar a Nicarágua, Honduras, a Guatemala e o México até chegar à fronteira sul dos Estados Unidos - a dois mil quilômetros dali.

Eu fiquei pensando naquela cena do aeroporto, daquela hora em que Fabrício teve que tentar explicar para o segurança por onde ele tinha acabado de passar – e por quê. Como é que você faz para comunicar essa experiência? Como é que você faz pra explicar o que é essa caminhada pelo vale da morte? Essa era a missão que a gente tinha, afinal. De achar um jeito de fazer as pessoas sentirem aquilo – e se importarem.

Mesmo depois de chegar em casa, e lavar a roupa, a mochila, o Fabrício continuou com o Darién entranhado por *muito* tempo. Não só na memória, mas assistindo e reassistindo todas as imagens que ele tinha captado ali, na missão de editar o documentário e tentar comunicar o que ele viveu pras outras pessoas. De encontrar um fio condutor que resumisse aquela experiência. E o que mais ficou com ele foi essa coisa das famílias. De como o Darién engole as famílias. E o quanto elas precisam lutar para conseguir sair dali unidas. O filme que a gente fez é difícil de ver. Ele só tem 12 minutos. A gente nem chama de documentário, na verdade, mas sim... de *filme de terror*³. O Fabrício pensou no filme como se fosse uma historinha de criança - mas é uma história de horror, em que o Darién é um monstro.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=09aHUe53TIs>

Cena de *Maldito Darién: El documental [2024]*: Te voy a contar una historia de terror. Una historia de personas desesperadas. [...] Abandonaram sus vidas destrozadas...

Carol Pires: O Darién engole os seus filhos, come os seus pés, rouba as suas coisas, decompõe os seus sonhos. Tudo vira um delírio febril. Na maioria dos casos, os imigrantes que se enfiam nesse inferno estão fugindo de outros infernos. De guerras, de conflitos armados, da fome e da violência - seja violência política, violência econômica, violência familiar. Em 2019, 8.500 pessoas cruzaram o Darién. E aí, por pressão norte-americana, muitos países da América Central começaram a restringir cada vez mais a concessão de vistos. Então não dá pra chegar de avião no México, por exemplo, e ir por terra pra fronteira americana. Para muitos imigrantes, o país mais perto por terra que os aceita sem visto é o Equador. E aí eles precisam cruzar o Darién. E vão driblando os postos migratórios pelo caminho. Em alguns dos casos, como o do Panamá e da Costa Rica, os próprios governos fretam ônibus - e cobram dos imigrantes - para deixarem eles na próxima fronteira. Preferem passar o problema adiante do que ficar com os imigrantes parados no território deles.

O resultado foi esse pulo - de 8.500 imigrantes em 2019 - para o recorde de *meio milhão* de pessoas cruzando o Darién em 2023. A previsão é de que até o final de 2024, 800 mil pessoas façam essa rota. E a tendência migratória é de piora, já que as mudanças climáticas também estão forçando as pessoas a se mudar. E não adianta fechar essa rota, porque outras vão ser abertas. E não importa o quão intransitável é o caminho. Não tem discurso populista, não tem muro, não tem medida autoritária nenhuma que vá conseguir impedir as pessoas de buscarem um lar de onde elas não precisem mais fugir.

Branca Vianna: Essa foi a Carol Pires. O podcast que a Carol menciona é o *¡No Vengan!*, e foi produzido aqui pela Rádio Novelo e pelo BOOM. Ele é apresentado pela Natalie Gallón, em espanhol. Dá pra ouvir em qualquer tocador de áudio ou no site www.boom.press. Lá você também encontra um vídeo em 360 graus da equipe na viagem ao Darién. O filme *El Maldito Darién*, assinado pela Carol Pires, pelo

Fabrcio Brambatti e pelo Tommaso Protti, com produo executiva do Jon Lee Anderson, você consegue ver no site boom.press e tambm no YouTube com legendas em portugus.

No episdio dessa semana, a gente est mandando cartoes postais do fim do mundo. No caso do Darien, e o fim do mundo num fim de mundo – uma tragdia humanitaria num lugar remoto, onde no era nem pra ter tanta gente assim. E no nosso segundo ato, um ser chega de um universo distante com um recado potencialmente apocalptico. Quem conta e o Vitor Hugo Brandalise.

ATO 2: O peixe do fim do mundo

Vitor Hugo Brandalise: Outro dia eu trombei com uma histria de peixe. Um peixe marinho bem peculiar. Geralmente eu no ligo muito para peixe, eu no tenho aquario, eu no sei nome de peixe, no e muito a minha. Mas, esse peixe, eu preciso dizer que me fsgou. E um peixe que vive em aguas profundas. O peixe osseo mais longo do mundo. Ele pode chegar a 9 metros de comprimento... E ele nada... na vertical. Pensa comigo: 9 metros – a altura de um prdio de tres andares. Tres andares de peixe se movendo – de pe – pelo oceano. Eu imagino um Moai, sabe? — uma daquelas cabeas gigantes da Ilha de Pascoa, se deslocando pelo fundo do mar.

Vindo na direao de um desavisado... Sai pra la. Pra quem tem medo de coisas do mar, tipo eu, da at e um negocio. Mas esse peixe com jeitao esquisito... ele e bem raro. Em cem anos, ele tinha sido visto so 19 vezes na costa da California – que e um estado que registra essas aparioes. Bom, vinte vezes, agora. Porque um desses peixes apareceu mais uma vez por la, em agosto passado. Pra minha amiga Gabriella.

Vitor Hugo Brandalise: Feliz que eu fiquei de poder falar com voc, Gabi, sobre essa histria. [risos]

Gabriella Cruz: [risos] Assim, eu no entendi porque viralizou. Porque quando a gente estava na agua e minha amiga falou tipo assim: “Ah, isso vai estar nas noticias amanha”, no sei o que. Eu falei “No, e so um peixe.”

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi, a Gabriella Cruz, é cientista. Ela mora na Califórnia e estuda bactérias.

Gabriella Cruz: Trabalho com engenharia genética e proteica em bactérias.

Vitor Hugo Brandalise: E ela nem é muito ligada a animais marinhos...

Gabriella Cruz: Eu não sou tão ligada ao mar assim. Eu enjoa muito rápido, assim, em barco. Até no caiaque.

Vitor Hugo Brandalise: Mas, os amigos que tavam com ela no dia do encontro com o peixe esquisito, são.

Gabriella Cruz: Uns nerds de peixe, que eram as pessoas com quem eu dividia a casa que eu morei em 2020. Todo mundo ligado ao centro de oceanografia que tem aqui, se chama Scripps Institution of Oceanography, que faz parte da Universidade da Califórnia de San Diego, e é um tipo, sei lá, o melhor instituto de oceanografia que tem. E eu vim fazer o último ano do meu mestrado num laboratório desse instituto. Só que, assim, a minha pesquisa é muito de laboratório, estudava bactérias marítimas. Mas quando você leva uma bactéria para o laboratório, sei lá, não importa muito que ela vem do mar, sabe? Enquanto que meus colegas da casa eles faziam muito mais coisa, assim, do mar.

Vitor Hugo Brandalise: Velhos lobos do mar na faixa de seus 30 e poucos anos. Um faz ilustrações científicas de animais marinhos, a outra é bióloga e passa semanas em alto-mar em barco de pescador, sem banheiro, pesquisando... e a outra amiga *mora* num barco e ainda ganhou um perfil na revista National Geographic numa série intitulada "Exploradores"⁴...

Gabriella Cruz: Todo mundo muito ligado ao mar. Fazia muito tempo que a gente não se reunia, e uma vez, tipo, em 2020, a gente ia muito na praia, porque era pandemia. Então era onde a gente meio que podia sair.

⁴ <https://www.nationalgeographicbrasil.com/exploradores/natalia-erazo>

Vitor Hugo Brandalise: E agora eles iam se reunir de novo nesse mesmo lugar, a praia de La Jolla.

Gabriella Cruz: Eu achei que a gente meio que ia só nadar. Seria algo mais relaxado, assim...

Vitor Hugo Brandalise: Mas é claro que os amigos nerds de peixe iam aparecer com um caiaque.

Gabriella Cruz: A Emily tipo alguns dias antes falou: “Ah, eu estou com um caiaque, aí tem um caiaque inflável...”

Vitor Hugo Brandalise: Esse caiaque tava furado.

Gabriella Cruz: E estava afundando, tipo, tinha um buraco.

Vitor Hugo Brandalise: Mas obviamente eles tinham uma bomba – iam remando e bombeando a água pra fora, tudo ao mesmo tempo. A Gabi nem tava muito a fim de uma remada, que dirá de uma remada com bombeadas emergenciais. Mas lá foram eles.

Gabriella Cruz: E aí você sai da praia e é bem rápido assim, uns 20 minutos remando, você chega numa área que é uma área conservada, que tem umas paredes de penhasco, e embaixo, assim, tem tipo umas cavernas, que dá pra entrar e, tipo assim, muito legal. E meio que a gente só para ali pra ficar comendo e bebendo, que a gente tinha trazido as coisas, e ficar nadando e tal. E aí a gente escuta um cara falando: "Ah, vocês viram o oarfish, vocês viram o oarfish?"

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi nunca tinha ouvido falar no tal *oarfish*. Mas os amigos dela já. E eles piraram.

Gabriella Cruz: E a Emily, que é essa minha amiga muito desenvolta, falou: “Ah, não, então eu vou ter que entrar na água e olhar”. E ela estava com a máscara de snorkel. Aí ela mergulhou e viu o peixe. E aí voltou e falou: “Ah,

ele está morto, eu vou mergulhar pra trazer ele pra cima”. Então ela mergulha, e ela traz pra cima e aí meio que as pessoas ficam: "Ooooooh!"

Vitor Hugo Brandalise: Veio à tona o *oarfish*.

Gabriella Cruz: Nossa, era um peixe imenso.

Vitor Hugo Brandalise: Aí foi uma operação para resgatar o peixe raro – que, como a Gabi falou, já estava morto. Eles tiraram o peixe da água, com cuidado pra não quebrar; botaram o peixe em cima da prancha de stand up de um gaiato que estava passando por ali. Ligaram para pedir autorização para tirar o peixe da água.

Gabriella Cruz: Pras autoridades dos peixes, e conseguiu essa autorização
[risos]

Vitor Hugo Brandalise: Ligaram para o pessoal do instituto para virem buscar o peixe, enfrentaram as ondas até chegar na areia sem deixar o peixe cair. Estava vindo para a praia, o *oarfish*.

Gabriella Cruz: *Oarfish*... Aliás, qual é o nome desse peixe em português?

Vitor Hugo Brandalise: É... Peixe do Fim do Mundo, tão chamando aqui.
[risos]

Vitor Hugo Brandalise: Peixe do Fim do Mundo. Esse é o nome fantasia do peixe esquisitão. Em inglês tem esse apelido também: "Doomsday Fish".

Gabriella Cruz: Eu não sabia disso.

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi não sabia desse apelido do *oarfish* antes dessa aventura... e nem sabia da mitologia em torno desse peixe.

Gabriella Cruz: Até esse ponto eu estava tipo: “Ah, uns nerds de peixe acharam um peixe muito grande”, sabe? Só essas cinco pessoas do mundo estão muito interessadas nisso, eles vão levar, assim, para o instituto, para,

sei lá, estudar. Eu meio que entendo que tem esses especialistas de peixe no mundo.

Vitor Hugo Brandalise: A ideia era essa, mesmo - levar o peixe para ser estudado no instituto Scripps de Oceanografia.

Gabriella Cruz: E lá, meio que a gente só ajudou depois, tipo a botar a prancha num caminhão, e levaram o peixe.

Vitor Hugo Brandalise: E a Gabi achou que esse ia ser o fim da história dela com o peixe raro. Só que não foi o que aconteceu.

Gabriella Cruz: Mas só que aí foi, tipo, acho que um dia depois, esse outro casal que ajudou a gente a levar o peixe até a praia. A mulher postou um TikTok que eram, tipo, cenas da gente na água, do marido dela chegando com a prancha com o peixe, da gente botando no caminhão. Aí fui abrir e falei: "Cara, aqui, o que é que está acontecendo nos comentários...". E todos os comentários eram tipo: "Oooh! O mundo vai acabar!" Sabe?

Vitor Hugo Brandalise: Definitivamente, não era um peixe conhecido só por umas cinco pessoas no mundo. Já tinha milhares de comentários nos vídeos no TikTok. E a maior parte com o mesmo tom:

Gabriella Cruz: "O mundo vai acabar", "Ai, vai vir um desastre, vai vir um desastre, vai vir um desastre". Assim, não acabava!

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi podia não conhecer, mas a internet já era especialista em Peixe do Fim do Mundo. Esse peixe tem a má fama de ser um "arauto da desgraça" – como tá no título da matéria do Los Angeles Times⁵ que noticiou a nova aparição do peixe. E os vídeos no TikTok iam mais fundo.

Vídeo [TikTok]: [som de explosão] Ok, this is getting creepy! We're now finding out that a doomsday fish washed up dead in San Diego!

⁵ <https://www.latimes.com/california/story/2024-08-15/rare-giant-oar-fish-washes-ashore>

Gabriella Cruz: E aí eu fui meio que tentando abrir, tentando entender e era meio que isso, assim, que parece que o peixe, ele é o indicativo de quando vai ter um terremoto muito grande, quando vai ter um tsunami. A lenda, ela é do Japão, assim. Que quando eles avistam esse peixe quer dizer que vai ter um tsunami no Japão.

Vitor Hugo Brandalise: A lenda em torno desse peixe surgiu no Japão no século 17⁶. Ele era conhecido como *ryugu no tsukai*, um "mensageiro do palácio do deus do mar". Segundo a lenda, de tempos em tempos o peixe vem do fundo do mar até a superfície para trazer o anúncio de algum desastre. Ele andava meio esquecido até 2011, quando um grande terremoto seguido de um tsunami abalou o Japão. Meses antes alguns desses peixes tinham sido encontrados numa praia - e isso reacendeu a antiga crença. Tem um fato sobre o oarfish que alimenta essa lenda: é que o peixe tem essa característica, real, de viver bem no fundo do mar. A mais de 1.000 metros de profundidade. E por viver tão lá embaixo, muita gente passou a acreditar que ele consegue sentir a terra tremer antes da gente, na superfície. E, quando sente o tremor, o peixe vaza dali – sobe para águas menos profundas. Essa seria a mensagem. A extrapolação é a de que só a presença desse peixe já é um prenúncio de que alguma coisa ruim vai acontecer.

Gabriella Cruz: E aí, meio que todo mundo: “Ah, the next...”, porque aqui eles falam, né, “the next Big One”, para esse terremoto, que meio que pode acontecer a qualquer momento na Califórnia.

Vitor Hugo Brandalise: Juntaram a aparição do Peixe do Fim do Mundo com os estudos em torno do "Next Big One", um terremoto enorme que – de verdade – pode atingir a qualquer momento a costa oeste dos Estados Unidos. Isso está comprovado por pesquisas sérias – já se sabe que existem condições geológicas para um terremoto gigantesco acontecer nessa área. Tão grande que – dá até medo de falar – ia varrer do mapa várias cidades, inclusive Los Angeles. Isso pegou a Gabi.

Gabriella Cruz: E aí quando teve todas as notícias do peixe, falei: “Sim, vai acontecer um terremoto, sabe? Muito grande”. Aí nesse dia, eu fiquei: “Ah, não, que merda, não devia ter ido”.

⁶ <https://www.atlasobscura.com/articles/long-fish-predicts-earthquake-legend>

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi ainda estava lidando com a decisão dela de embarcar naquele caiaque, quando uma outra onda começou a bater: a de comentários no TikTok.

Gabriella Cruz: E aí tinha um comentário que era muito bom, que era um cara falando tipo: "Infelizmente uma vida de azar para todos que tocaram nesse peixe" [risos]. Aí, nesse ponto eu estava: "Não, eu não acredito que eu me envolvi nisso!" Assim, porque eu sou meio supersticiosa. Então eu não esperava. Eu estava assim: "Nossa, achei que era só um dia na praia, agora estou condenada a uma vida de terror" [risos].

Vitor Hugo Brandalise: Porque a lenda em torno desse peixe, segundo os comentários que a Gabi leu no TikTok, não é "só" que ele prenuncia grandes desastres coletivos. Aparentemente... para quem encosta nele... o peixe também traz má sorte individual.

Gabriella Cruz: [Risos]

Vitor Hugo Brandalise: E você tocou no peixe? Por que você tocou no peixe?

Gabriella Cruz: Sim, sim. [risos] Então, eu estava tentando ajudar. Tipo, primeiro a gente tentou pegar o peixe, botar no caiaque, e não conseguiu, e botou na prancha. E aí quando chegou na praia que aí a gente teve que levantar o peixe pra botar atrás do caminhão, assim, da caminhonete. Aí tem outro comentário também, porque quando o cara botou na prancha do stand up, ele era mais longo do que a prancha, então a cauda do peixe ficava pra fora e a cauda do peixe estava quase caindo. Eu estava só com essa parte da cauda na minha mão, pra fazer um apoio para a cauda não se desfazer completamente. E aí, nesse vídeo do TikTok só tem minhas costas segurando a cauda, e tinha um outro comentário bem lá embaixo de uma mulher que falava tipo: "Ah, olha essa menina de preto, ela só quer fazer parte de alguma coisa, ela só quer aparecer". E por isso que ela está segurando a cauda. [risos]

Vitor Hugo Brandalise: Não se pode mais nem querer ajudar a ciência em paz...

Se você que tá ouvindo agora por acaso for a mulher do Tiktok⁷, é importante esclarecer que a Gabi fez muito bem em segurar firme a cauda do bicho, viu.

Porque a cauda é uma parte importante para entender o oarfish. Ele é um animal ainda pouco conhecido, justamente por terem tão poucos encontros com ele até agora. E a suspeita é que a cauda tenha um papel importante para que ele consiga nadar na vertical. Então, vale o cuidado, viu.

Gabriella Cruz: Falei, “Cara, que louco”, tipo, então o pessoal assiste o vídeo assim, ela começa a analisar o que cada um está fazendo a ponto de comentar. É muito louco, assim.

Vitor Hugo Brandalise: E tinha ainda a questão da foto. A essa altura, o achado da turma da Gabi já tinha saído em tudo que é jornal. *Guardian*, *BBC*, *NY Post*, *CBS*, uma porrada de veículos. Só que ela não mandou pra quase ninguém.

Gabriella Cruz: Porque tinha uma foto, assim...eu no caiaque tentando pegar o peixe assim, muito desajustada. A reportagem do LA Times tinha essa foto assim, eu no caiaque, sabe, muito estranha. Falei: "Ah não!" [risos] Tipo, não, não é... Tipo, eu não teria deixado essa foto, sabe, se eu soubesse... [risos]

Vitor Hugo Brandalise: A foto que a Gabi não gosta rodou bastante — e a gente se solidariza. Todo mundo aqui já teve uma foto de que não gosta circulando mais do que devia. Só talvez não com tanto alcance.

Gabriella Cruz: Aí eu comecei a procurar e eu vi que tinha tipo, ah, em vários jornais do mundo, assim, estava aparecendo essa notícia.

Vitor Hugo Brandalise: Ela já estava se irritando. E ainda estava preocupada.

Gabriella Cruz: Porque eu estava meio tensa. Será que coisas ruins vão começar a acontecer com a gente? Será que minha vida vai ser horrível a partir de agora?

⁷ https://www.tiktok.com/@slimith_jimith/video/7401674357904330014

Vitor Hugo Brandalise: E aí aconteceu uma coisa meio estranha. Foi no dia 12 de agosto de 2024, dois dias depois da aparição do peixe pra Gabi lá na costa de San Diego...

Notícia de Terremoto em Los Angeles: Southern California is still reeling from a 4.4 magnitude earthquake. It hit Los Angeles yesterday afternoon. The US geological survey says the epicenter was about 6 miles north-east of City Hall. People could feel the quake all the way to San Diego.

Vitor Hugo Brandalise: Um terremoto atingiu Los Angeles e San Diego. Foi bem fraquinho, 4.4 graus de magnitude...ninguém se machucou, só chegou a quebrar uns encanamentos das ruas. A Gabi nem sentiu. Definitivamente, não era o Big One. Mas é claro que a internet tremeu.

Gabriella Cruz: As pessoas também falaram "Ah, tá, o terremoto que teve, então, foi por causa do peixe". [risos dos dois]

Vitor Hugo Brandalise: E você que é meio supersticiosa, você acreditou que era por causa do peixe?

Gabriella Cruz: Não, porque aí eu falei: "Não, vai ser o contrário. Vai ser: quem tocou no peixe, tipo, vai ser protegido desse Next Big One". [risos]

Vitor Hugo Brandalise: Primeiro, a Gabi lidou com o terremotinho tentando positivar a história, você viu. Mas ela é uma cientista... então ela foi atrás dos fatos.

Gabriella Cruz: Pela estatística não existe, assim, nenhuma correlação [entre] a aparição do peixe e o terremoto. E outra coisa, com terremoto também: tem sempre alguma coisa acontecendo num lugar no mundo, mas, até mesmo onde eu moro, assim. Tem sempre a cada dois, três dias, tem um terremoto assim, muito, muito, muito fraquinho, mas sempre tem. Sabe? Nessas falhas, a Terra está sempre movendo um pouquinho. Então é como isso assim: teve esse terremoto muito fraco em Los Angeles dois dias depois, aí começaram a falar: "Ah não, foi por causa do peixe e tal".

Vitor Hugo Brandalise: E de fato: uma pesquisa de 2019⁸ da Universidade de Tóquio finalmente mostrou – depois de séculos de lenda - que *não existe* uma correlação entre a subida do Peixe do Fim do Mundo à superfície e algum desastre que está para acontecer. Os autores do estudo chamam a tentativa de ligar essas duas coisas de "uma típica correlação ilusória".

Gabriella Cruz: Você sempre pode ligar porque está sempre acontecendo.

Vitor Hugo Brandalise: O lado racional da Gabi estava tranquilo. Só que – como toda pessoa supersticiosa sabe – não é assim tão fácil desligar essa chavinha... Duas semanas depois do encontro com o peixe, ia ter a banca de doutorado da Natália, uma das amigas "nerds de peixe" da Gabi.

Gabriella Cruz: E eu lembro que eu fui na defesa dela. Achando, “Bom, se for muito ruim, se ela não passar, é por causa do peixe”. Mas se for tudo tranquilo, [risos] sabe... tipo assim: “Tá, essa vai ser a primeira prova assim, se a gente tá amaldiçoado ou não”, sabe? Sabe aqueles filmes assim que acontece uma maldição com um grupo de amigos, aí tem sempre o primeiro. E aí vai... tipo assim, ela é o primeiro teste [risos].

Vitor Hugo Brandalise: Lembra qual filme? [risos]

Gabriella Cruz: Ai tem a... Ah, esqueci o nome... é "Premonição"! [risos]

Vitor Hugo Brandalise: Esse que eu pensei também, tem um grupo de amigos. e... [risos]

Gabriella Cruz: É, vai cada um morrendo, né? [risos]

Vitor Hugo Brandalise: Você pensou em "Premonição" [risos]. Você pensa... Talvez poucas coisas vão ser mais tranquilas do que, quer dizer, em termos de risco de vida do que uma banca de doutorado. Mas enfim...

Gabriella Cruz: É, sim, pois é. [risos dos dois]. E ela passou e foi tudo ótimo mesmo, ela é doutora agora.

Vitor Hugo Brandalise: A Gabi – e a Natália que agora é doutora, né – passaram por esse primeiro teste. E as ideias de fim do mundo aos poucos foram ficando para trás.

Vitor Hugo Brandalise: Essa sombra dele aparecia, assim como apareceu nesse dia da banca? Na tua vida, assim também apareceu?

Gabriella Cruz: Eu acho que foi tão cômico, assim. E eu gostei tanto desse comentário porque... desse cara: "Infelizmente uma vida de azar pra todos que tocaram nele...", porque primeiro ele parece se sentir com a gente, assim. Sentir, sabe: "Sinto muito, vocês tão fu... vocês vão sofrer pra sempre". Mas eu não sei, é só esse meio que mundo de TikTok versus o mundo, assim, desses meus amigos que conheciam mais o peixe e estavam mais animados em descobrir como que o peixe chegou lá e fazer as análises de como o peixe tinha morrido.

Vitor Hugo Brandalise: O encontro da Gabi com esse peixe das profundezas, no fim das contas, levou ela a fazer uma pergunta bem terrena: O mundo real versus as profundezas abissais das redes sociais. Em qual deles vale a pena mergulhar? No caso da Gabi, alguns elementos bem pé-no-chão ajudam ela a escolher.

Gabriella Cruz: A Emily ela trabalha com um artista que faz tipo impressão, tipo ele pega o peixe e bota uma tinta por baixo e faz tipo uma impressão, e ficou super lindo.

Vitor Hugo Brandalise: Chama pintura *gyotaku*: uma artista passa uma tinta no peixe todo, bota um papel em cima e aí tira – meio que transforma o peixe num carimbo. Nesse caso, um carimbão de 3 metros e meio de comprimento – que é o tamanho do peixe que eles encontraram.

Gabriella Cruz: E eles botaram no aquário do Scripps. Tipo, tem uma foto nossa com peixe.

Vitor Hugo Brandalise: *Aquela* foto. agora ela gosta dela.

Gabriella Cruz: Parece que eu sou tipo uma aventureira que está, sabe, em cima de um caiaque, tipo pegando animais selvagens. [risos] Tem uma foto da... dessa impressão do corpo do peixe, e aí eu perguntei: "Ah, o que acontece depois?" Parece que eles tipo meio que partem o peixe em pedaços e arquivam pra quando alguém, sei lá, querer estudar anatomia e tal. O peixe meio que eu vi como, tipo, uma escolha, assim. "Ah, será que eu vou tirar tempo da minha vida pra responder esses comentários? Será que eu vou ligar se uma foto minha eu não estou muito bonita, mas eu pareço ser uma pessoa legal que faz coisas legais? Ou será que eu vou achar, meu grupo de amigos assim, pessoas muito fudas, sabe, que me levam pra fazer passeios legais e me levam em aventuras?" Então, acho que foi uma coisa meio assim, "Ah, para que lado eu quero ser puxada?" Eu quero ficar neurótica? Será que é isso que aconteceu na minha vida é por causa do peixe, ou tipo só acreditar que não, foi algo legal e nerds do peixe vão conseguir fazer coisas legais a partir disso?

Vitor Hugo Brandalise: Os nerds já arregaçaram as mangas. Uns poucos dias depois do achado, o instituto Scripps de oceanografia anunciou várias linhas de pesquisa que eles vão fazer sobre o peixe e sobre o lugar onde ele vive.

Gabriella Cruz: O fato dele vir do fundo do mar, ele traz então informações sobre o fundo do mar. Eu acho que são esses experimentos que eles ainda vão fazer, tipo o que esse peixe come... Então acho essa parte, assim, que eu acho que é o que mais de interessante que tem nele, porque ele vive num lugar que a gente não tem muito acesso, assim.

Vitor Hugo Brandalise: Esse peixe vai ajudar a mostrar como é a vida... no fim do mundo. Ou no começo, dependendo de onde você vive. As pesquisas já começaram. E elas ainda pretendem revelar uma outra mensagem trazida pelo peixe, lá do fundo.

Gabriella Cruz: Essa coisa do microplástico, assim, até aonde, né? Em que profundidade essa poluição está afetando? É outra coisa interessante desse peixe vindo do fim do mundo.

Vitor Hugo Brandalise: Microplásticos e também pesticidas – o instituto vai analisar os órgãos e tecidos do peixe para tentar detectar esses contaminantes. Será que a gente já conseguiu fazer eles chegarem até lá no fim do nosso mundo? De repente é isso. De repente é desse desastre que o peixe tá querendo falar.

Branca Vianna: Esse foi o Vitor Hugo Brandalise.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta. Esse foi o nosso episódio número cem – e acho que eu falo em nome de toda a equipe quando eu digo que a gente tá feliz demais de ter chegado até aqui. E, claro, que a gente não poderia ter chegado até aqui sem vocês. Muito obrigada por acompanhar o nosso trabalho toda semana, por falar da gente por aí, por sugerir histórias...

O Apresenta é de todo mundo, e a gente quer que ele dure muito, muito tempo. Que venha o episódio 101, o 150, o 200, o 500... E bom, você sabe que toda semana, além do episódio, a gente publica um post curtinho no nosso site com algumas referências e material extra. Dessa vez, tem, claro, fotos do peixe do fim do mundo que a turma da Gabi catou do mar, e tem também todas as coordenadas pra você assistir o filme e escutar o podcast sobre o Darién que a Carol Pires dirigiu – o podcast, aliás, é coprodução da Novelo também. No site, você também já sabe, dá pra assinar nossa newsletter. E fica o convite também para você acompanhar a gente por outros canais. Você pode seguir a Rádio Novelo no WhatsApp e acompanhar a gente nas redes – @radionovelo no Instagram, no Threads, ou no Bluesky. Se preferir, dá pra mandar também um e-mail pro apresenta@radionovelo.com.br.

—
O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, e a Carolina Moraes. A Ashley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah e pelo Bruno Lima.

Tivemos apoio de montagem da Mariana Leão, que assina o desenho de som desse episódio, junto com a Sarah Azoubel.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Correia, e também da Bluedot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, a nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.